

Blumenau



em cadernos

TOMO XXV

Março de 1984

Nº. 3

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

COMPANHIA HERING

IND. E COM. DE CONFECÇÕES BLUMALHAS LTDA.

COMPANHIA TEXTIL KARSTEN

MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.

CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS

MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.

SUL FABRIL S/A.

COMPANHIA HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES

EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE

LOJAS HERING

COLABORADORES ESPONTÂNEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.

MOELLMANN COMERCIAL S.A.

TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.

BUSCHLE & LEPPER S.A.

CIA. COMERCIAL SCHRADER S.A.

JOÃO FELIX HAUER

MADEIREIRA ODEBRECHT

LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXV

Março de 1984

Nº. 3

SUMÁRIO

Página

A implantação da Rede Ferroviária em Joinville, em 1906	63
Cinema em Blumenau	69
Periódicos da língua alemã foram microfilmados	72
Autores Catarinenses	73
D ^a Maria Bacca completou 100 anos	74
Diário de Viagem do Imigrante Paul Schwartzer ..	75
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau.....	79
Biblioteca "Dr. Fritz Mueller" voltou a emprestar livros	83
Como preparar o espírito cívico das crianças?	84
As festas folclóricas de Penha	85
Aconteceu... Fevereiro de 1984 ..	94

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 2.500,00

Número avulso Cr\$ 200,00 -- Atrasado Cr\$ 250,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 3.000,00 mais o porte Cr\$ 2.000,00 total Cr\$ 5.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

A implantação da Rede Ferroviária em Joinville, em 1906

Sueli Garcia*

Em 1900, a população de Joinville atingia quase 20.000 habitantes. A vida colonial já atingira seu apogeu e começara uma nova fase com a emancipação comercial e industrial. A abertura da Estrada D. Francisca, que ligou a baixada do litoral catarinense com o planalto, permitiu um intercâmbio comercial principalmente de erva-mate.

Aos poucos, Joinville tornava-se o maior centro de comércio de erva-mate, no Estado. Este produto era o que maiores contribuições proporcionava aos cofres estaduais. Portanto, economicamente Joinville pesava muito na vida da região e do próprio Estado.

No plano político, Joinville também conquistou uma posição importante. Após a Proclamação da República, concentrava um poderoso contingente de eleitores. Mas a população estava dividida, politicamente: republicanos, de um lado, e federalistas, do outro. Havia a possibilidade de uma aproximação entre os dois campos. Tais possibilidades estavam no interesse comum do comércio. As operações comerciais com a erva-mate proporcionava uma grande prosperidade para Joinville. Outros produtos agrícolas regio-

nais também foram acrescidos nesta comercialização. O movimento comercial, que a princípio era feito em lombo de burro, passou a ser realizado por carroças, que, num vai-e-vem constante, traziam os produtos para Joinville. Assim, os armazéns do Rio Cachoeira ficavam entulhados de mercadorias destinada à exportação.

Foi criado na colônia um entreposto comercial que ativou a movimentação entre produtores coloniais, comerciantes e exportadores de mate. Daí para a industrialização do mesmo, foi um passo rápido. O ciclo passou a ser comercialização — industrialização — exportação.

Nesse estágio, já se compreendia que um eficiente fator de desenvolvimento seria a unidade dos interesses mercantis aliados aos interesses políticos. Surgiam problemas naturais da defesa comum dos interesses, como as questões de transporte, de impostos de fretes marítimos, etc, de forma que as relações sociais tendiam a serem coesas. Com a fusão dos partidos, em fins de 1905, consolidou-se a unidade de interesses mercantis e políticos.

O ano de 1906 tornou-se marcante, para Joinville, por um dos acontecimentos mais importantes

* Estudante de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Furl.

HABITASUL É um nome que sugere poupança e que o blumenauense tem prestigiado com sua preferência porque acredita na garantia que oferece.

da época: a construção da estrada de ferro. Havia já, a nível de região sul, a construção em andamento de uma grande estrada de ferro para ligar, verticalmente, as então Províncias de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

“Em Santa Catarina, a ferrovia passaria no Vale do Rio do Peixe, portanto a oeste do Estado, ficando de fora o litoral.

A idéia de se construir uma ferrovia para o Leste, a partir da linha tronco, data de 1901, quando a Companhia Estrada de Ferro São Paulo—Rio Grande solicitou ao governo concessão para implantar outro ramal, partindo das proximidades de União da Vitória rumo ao litoral.”
(1)

Entretanto, havia dúvidas quanto ao local de finalização da linha. O Decreto n.º. 3.947, de 7 de março de 1901, que aprovou o contrato firmado entre o governo e a companhia, afirmava em sua XI cláusula:

“Tem igualmente a Companhia Estrada de Ferro São Paulo — Rio Grande privilégio e mais favores que goza para todas as suas linhas, exceto garantia de juros, para o ramal que construir de um ponto de sua linha sul, fixado por estudos, entre a Estação Teixeira Soares e a Vila União da Vitória, em direção ao

litoral e à cidade de São Francisco, no Estado de Santa Catarina, ou à vila de Guaratuba, no Paraná.” (2)

Definiu-se que o ramal seria projetado até São Francisco. Entretanto, diz Ficker:

“Pelo projeto inicial, o traçado da linha passava a uns 25 quilômetros ao sul, sem atingir Joinville. Em setembro de 1902, a Câmara Municipal dirigiu veemente apelo ao então Ministro da Viação, Dr. Lauro Müller, solicitando a modificação do traçado da linha férrea, incluindo Joinville no ramal projetado.”
(3)

Em abril de 1903 foi iniciado o levantamento topográfico da linha, que incluía Joinville no traçado, sob a chefia do Dr. Leite Ribeiro. Em julho do mesmo ano, os serviços da linha São Francisco — Joinville já estavam em andamento.

Em novembro de 1905, a planta da Estação de Joinville recebeu parecer favorável, tendo sido concluída no ano seguinte. O edifício era uma obra muito bonita, construída no final da atual Avenida Getúlio Vargas e início da Rua Santa Catarina. Eram essas as duas artérias de maior circulação de veículos da cidade.

Inicialmente, os trilhos foram assentados a partir de São Francisco, em direção ao Linguado, que na época era uma ilha.

(1) Thomé, Nilson. *Trem de ferro — A Ferrovia no Contestado*. p. 89

(2) Thomé, Nilson. *Trem de ferro — A Ferrovia no Contestado*. p. 89

(3) Ficker, Carlos. *História de Joinville*. p. 389

"Entre a ilha e o continente fez-se um aterro de pedras de 8000 metros cúbicos, atendendo-se ao fluxo e refluxo da maré, notavelmente forte naquele lugar, devidamente à proximidade da Barra do Sul." (4)

Foi no dia 29 de julho de 1906 que aconteceu a chegada do primeiro comboio na Estação de Joinville, recém-terminada.

No mês seguinte, Joinville recebeu a visita do então Presidente da República, Dr. Afonso Pena. Havia a dúvida se ele entraria na cidade de trem ou via fluvial. Acabou sendo recebido no vapor "Babitonga", que seguiu para São Francisco. De lá, partiram de trem com destino a Joinville.

"Constituiu a visita do Dr. Afonso Pena (...) um acontecimento histórico para Joinville, não só pela honra da visita, como também porque entraria na cidade como pri-

meiro passageiro do trem da ferrovia." (5)

A implantação da estrada de ferro estimulou o progresso não só em Joinville, mas de toda a região norte-catarinense, pois representou uma agilização do fluxo de produtos do planalto para o litoral. Isto veio consolidar o poderio econômico da cidade, baseado principalmente na erva-mate, prendeu ainda mais os colonos a Joinville e justificou a imigração de colonos europeus recém-chegados, que ingressaram nessa mercância.

A posição de Joinville, servida por via fluvial e estrada de ferro, oferecia mais vantagens de tempo e distância, de modo que atraíram para Santa Catarina muitos imigrantes europeus, que por sua vez, dinamizaram o desenvolvimento comercial e industrial de toda a região.

Desta forma, podemos considerar como um fator fundamental do desenvolvimento de Joinville, a implantação da estrada de ferro.

(4) Idem, *Ibidem*, p. 394

(5) Ficker, Carlos. *História de Joinville*. p. 396

BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Rufino Porfírio. *Um aspecto da economia de Santa Catarina: a indústria erva-teira — o estudo da Companhia Industrial*. Florianópolis, 1979. (Dissertação de mestrado submetida à Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestrado em História).
2. FICKER, Carlos. *História de Joinville*. Joinville, Imprensa Ipiranga, 1965.
3. HERKENHOFF, Elly. *Joinville, ontem e hoje*. Joinville, Arquivo Histórico de Joinville, 1981.
4. SOCIEDADE AMIGOS DE JOINVILLE (Org.). *Album Histórico do Centenário de Joinville*. Joinville, 1951.
5. THOMÉ, Nilson. *Trem de Ferro — A ferrovia do contestado*. Caçador, Imprensa Universal, 1980.

BLUMALHAS Com as excelentes confecções que produz, projeta o nome de Blumenau exportando para as Américas.

CINEMA EM BLUMENAU

Edith Kormann

(Do livro "Histórico sócio-cultural-artístico de Blumenau")

Além do filme foi apresentado também o Jornal da Semana da Ufa, que foi muito comentado, devido as cenas de guerra de setembro que se desenrolaram como um verdadeiro massacre. Ingressos a 2\$000 e 1\$000 Réis. As apresentações no Clube Náutico América originaram o comentário publicado no "Der Urwaldsbote" agradecendo à damas o comparecimento ao cinema sem chapéu. A notícia dizia ainda que o cinema era improvisado, pois funcionava num salão de baile sem o declive necessário, e os chapéus das senhoras forçavam as pessoas das últimas filas a entortarem o pescoço para ver o filme. No dia 14, às 8,15, no salão do Clube Náutico America foi apresentada a seguinte programação:

- 1 — Cinédia Jornal n.º 2
- 2 — Visita aos artistas
- 3 — Paramount Wochenschau
- 4 — Uma cilada do acaso — um filme policial

O cine Busch deveria estar concluído, segundo os cálculos, no dia 29 de junho de 1940, o que não ocorreu por motivos diversos. Calculado para 1400 lugares, 600 na galeria que se prolonga sobre a metade da platéia, podendo suportar não só 600 pessoas e sim 1000 e segundo nota da época foi projetada para durar eternamente. A parte externa com o contraforte em betão e ferro, segundo a alguns, recordam o colossal pórtico dos festejos dos 100 anos de Breslau na Alemanha. Com desculpas ao público o "Der Urwaldsbote" publicou a seguinte nota: "Como o Clube Náutico América necessita do seu salão, pois a diretoria o cedeu por cinco meses, as apresentações do próximo sábado serão na nova sala, porém sem inauguração. A apresentação é provisória, sem luz indireta, sem pintura, sem as novas cadeiras, sem a galeria e sem a sala de espera". O jornal informou ainda "que a data da inauguração da magnífica construção será marcada oportunamente". () A primeira apresentação na nova sala foi no dia 29 de junho de 1940, sábado, quando o Cine Busch apresentou o filme da "Allianz" — "Adolescência de uma rainha" — colorido, falado e cantado em alemão, tendo como atriz principal Jenny Jugo e o ator Otto Tresoler. Foi exibido ainda o jornal da Semana n.º 445 da UFA com os seguintes assuntos: A unificação das nações, Inauguração da igreja de Leipzig, A guerra na Finlândia, Onda de verão na

() Der Urwaldsbote" de 28/6/1940.

Alemanha, Botes torpedeiros no Mar do Norte, Um submarino depois de afundar 16 navios volta ao porto de sua cidade natal, Manobras com tanques em Windorf, etc. Dia 30, domingo, foi apresentado o filme da Metro — "Rosálie" — com Eleanore Powell e Nelson Eddy. No dia 5 de julho de 1940, sábado, o Cine Busch apresentou uma das maiores cantoras da época - Grace Moore no filme "Luize". Domingo, dia 6 de julho de 1940, à tarde foi apresentado o filme "Os cinco heróis" e a noite "Joujoux e Balangadans", filme nacional patrocinado pela senhora Darcy Vargas, esposa do presidente Vargas, em benefício das crianças carentes. Os ingressos foram vendidos a 2\$500, 1\$000 e poltronas numeradas 3\$000 Réis. A apresentação do dia 10 de agosto de 1940 levou ao cinema muitos frequentadores que se recordaram com carinho do velho Teatro "Frohsinn" onde foi apresentada a comédia "Im Weissen Roessl", exibida como filme da "Allianz" no Cine Busch.

Apesar da divergência nas datas históricas, pois o "Busch's Kino" apareceu alguns anos depois de 1904, no dia 8 de outubro de 1954, começaram os festejos do cinquentenário do Cine Busch com o filme da Warner Bross — "O Museu de Cera" — com os artistas Vincent Price, Frank Lovejoy e Phillis Kirk. Com esse filme o público assistiu pela primeira vez em Blumenau, a terceira dimensão em cinema, projetado em tela metálica. Os ingressos foram vendidos à razão de Cr\$ 10,00 na plateia e Cr\$ 6,00 no balcão. Os óculos foram alugados por Cr\$ 5,00. No programa pedia-se a devolução dos óculos "Polaroid" na saída da sessão. O Cine Busch ainda apresentou na semana comemorativa ao Jubileu de Ouro um Festival de Cinema no qual os filmes apresentados eram exibidos meia hora mais tarde no Cine Blumenau. Foram apresentados os filmes:

O Veleiro da Aventura no dia 23 de outubro
Hans Christian Andersen — dia 24
Império dos Malvados — dia 25
O Prazer — dia 26
A Legião dos Desesperados — dia 27
Lágrimas Amargas — dia 28
Gilda — dia 29
Os 5.000 dedos do Dr. "T" — dia 30
Entre a Espada e a Rosa — dia 31

Este último de Walt Disney, fechando com chave de ouro os festejos.

O moderno aparelhamento cinematográfico nos leva a uma retrospectiva da sétima arte em Blumenau para avaliarmos as dificuldades dos primórdios do cinema sem a luz elétrica. Para projetar os filmes era usado uma espécie de carbureto que produzia gás e que muitas vezes não funcionava a contento, e os frequentadores voltavam para suas casas desapontados. O "Kinemarophon", sincronização de filme com gramofone, onde os discos gravados especialmente para os filmes nem sempre funcionavam e que custavam bem mais caros, pois

um disco comum importado da Alemanha custava mais ou menos 25 pfennig, enquanto que o disco que acompanhava o filme 25 marcos, pois na época não havia a célula foto-elétrica ou som elétrico. Porém em 1930, Blumenau assistiu pela primeira vez a um filme falado. O programa em grande destaque anunciava para os dias 25 e 26 de dezembro de 1930 no Cine Busch "a grande inauguração do "CINEMA FALADO" (Tonfilm Apparatur), com o milionário filme da Ufaton "Der Weisse Teufel" (O diabo branco). O programa dizia ainda ser o filme uma canção heróica de liberdade do Cáucaso, estrelado por Ivan Mosjoukin, Lil Dago-ver, Betty Amann e Fritz Alberti. O coral dos "Cossacos do Don", sob a regência de Serge Yaroff canta: a Canção do Volga, o antigo Hino da Rússia (da ópera "A vida para o Czar"), canções marciais russas, canções cáucasas como "Meu coração pulsa num só" e outras mais. Para o dia 25, às 8,30 da noite os ingressos foram vendidos à razão de 4\$000 as poltronas numeradas, 3\$000 geral e 2\$000 para crianças. Os mesmos preços foram cobrados no dia 26, às 8,45 da noite. Dia 26, às 5 horas da tarde as crianças pagaram 1\$000 e os adultos 3\$000. Dias antes da inauguração Friedl (Frederico G. Busch Junior) como era conhecido pelos mais íntimos orgulhosamente falava da próxima inauguração do cinema falado em Blumenau, dizendo ainda, que o evento atrairia grande massa, e que nós, distantes do mecanismo mundial, deixamos de desfrutar de muitos eventos naturais, principalmente quando encontrados, e que nos poderiam trazer algo de verdadeiramente bom. ()

FREDERICO GUILHERME BUSCH, nasceu no dia 29 de dezembro de 1865 em Santo Amaro (Palhoça), filho do carpinteiro Wilhelm Busch, aprendeu o ofício de alfaiate e veio para Blumenau em 1894 onde abriu uma alfaiataria. Alguns anos depois iniciou um comércio de importação e pode ser considerado o primeiro exportador de laticínios de Blumenau. Por volta de 1900 importou o primeiro automóvel movido a vapor. Trouxe para Blumenau, no começo do século, a primeira Companhia Lírica. Em 1903 instalou uma fábrica de fósforos em Blumenau e em 1914 tinha o vapor Gustavo. Em 1905 obteve a concessão da Empresa Força e Luz para Blumenau, assinando com a municipalidade em 31 de outubro de 1910, contrato para instalação de luz e energia elétrica. Ao adquirir da firma Wesphalen & Cia. de Hamburgo — Alemanha, um aparelho cinematográfico, Busch projetava filmes para seus amigos. Uma passagem interessante com referência ao cinema, foi Busch ter escrito ao seu representante no Rio de Janeiro solicitando filmes e a resposta quando veio informava que Augusto de Oliveira e Silva, o representante, percorrera toda a praça do Rio de Janeiro e que o artigo era desconhecido. Busch escreveu aos dirigentes da Pathé Frères de Paris, recebendo os desejados filmes. Mais tarde começou a exhibir os filmes no salão Holetz

() Urwaldsbote de 16/12/1930.

que em 1917 passou a chamar-se "Busch's Kino" (Cine Busch). Faleceu em julho de 1943 aos 77 anos de idade.

FREDERICO GUILHERME BUSCH JUNIOR, nasceu em Blumenau no dia 21 de janeiro de 1899, filho de Frederico Guilherme Busch e Clara Pobst Busch, estudou na Escola Nova depois dedicou-se a auxiliar os empreendimentos do pai. Em 1940 reformou o Cine Busch. Devido aos múltiplos afazeres, Busch Junior arrendou sua casa de diversões. Entre os muitos cargos ocupados foi gerente do Banco do Brasil da Organização Henrique Lage. Foi Prefeito de Blumenau de 15 de dezembro de 1947 a 31 de janeiro de 1951 e de 31 de janeiro de 1956 até 31 de janeiro de 1961. Durante o seu governo festejou-se o Primeiro Centenário de Blumenau. Foi também presidente do Comitê Executivo da Comissão de Defesa do Vale do Itajaí, organizado na reunião dos prefeitos do Vale de 17 a 20 de agosto de 1957. As atividades do Comitê lograram o interesse do Presidente da República que em 7 de outubro de 1957 baixou decreto nº. 42.423 nomeando Grupo de Trabalho para estudar a situação da Bacia do Itajaí. Faleceu no dia 27 de abril de 1971.

Periódicos em língua alemã foram microfilmados

Em solenidade realizada às 10,00 horas do dia 1º. do corrente mês de março no salão nobre da Prefeitura Municipal e que contou com a presença inclusive do prefeito Dalto dos Reis e do vice-prefeito Paulo Oscar Baier, foram entregues, pelos professores Ernani Bayer, reitor da UFSC, Carlos Humberto Corrêa (coordenador do curso de Pós Graduação em História) e Valmor Sena (coordenador do projeto de microfilmagem), todos da UFSC, os micro-filmes contendo as duas coleções dos periódicos editados em língua alemã em Blumenau — "Der Urdswaldsbote" e "Blumenauer Zeitung". A entrega foi feita ao prefeito Dalto dos Reis que a transferiu para o diretor da Fundação "Casa Dr. Blumenau" jornalista José Gonçalves e os filmes se destinam ao Arquivo histórico da instituição. Esta importante realidade é o resultado do convênio firmado entre a Fundação "Casa Dr. Blumenau" e a Fundação Pró-Memória (Programa Nacional de Periódicos Brasileiros). Todo o trabalho de microfilmagem foi realizado nos laboratórios da UFSC.

A direção da Fundação "Casa Dr. Blumenau" empenhar-se-á agora, na efetivação de novos convênios com a Fundação Pró-Memória, visando microfilmar também outros periódicos como "A Nação" e "Cidade de Blumenau", que circulavam durante longos anos em Blumenau e cujas coleções acham-se no Arquivo Histórico e representam valioso tesouro intimamente ligado à história de Blumenau, seus acontecimentos e seu desenvolvimento, a partir da década de 1920 (Cidade de Blumenau) e da década de 1940 ("A Nação").

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

"CASA VERDE"

"Casa Verde", romance de Noel Nascimento (Editora Beija-Flor, Curitiba, 2ª. ed. 1981), é um livro que retrata a chamada "Guerra do Contestado", segundo os historiadores o maior movimento civil armado já ocorrido no Brasil. Nesta obra, despojando-se por completo de citações e referências, o autor construiu um romance ao mesmo tempo veraz e absorvente como as grandes criações ficcionais.

Começando pela fixação do "monge" João Maria, o precursor do movimento, com os mitos que o cercavam e as profecias que lhe eram atribuídas, mostra o autor as causas que se conjugaram para o surgimento de uma revolução de caráter místico e social que abalou o país e exigiu grandes esforços e despesas do Governo para debelá-la.

Tendo como palco a região do planalto catarinense e o Sul e Sudoeste do Paraná, mesclavam-se no fundo das ocorrências a falta de terras para os camponeses despejados pelas companhias estrangeiras, o desemprego dos operários arrebanhados para a construção da estrada de ferro, a questão de limites entre os dois Estados. Tudo isso explorado em proveito próprio pelos latifundiários e poli-

ticos de um e outro Estado, bem como pelos partidários da criação do Estado das Missões, na região do Contestado. O surgimento de José Maria, "monge de guerra", foi o elemento que faltava para aglutinar a imensa legião de "pelados", caboclos fanáticos e maltrapilhos que formavam os exércitos que habitavam a casa verde, isto é, as florestas compactas de que nada mais resta.

Impressiona deveras como essa gente, armada precariamente e sem treinamento militar algum, enfrentava o exército regular, as polícias estaduais e os "vaqueanos" estipendiados por governos e interessados. Valendo-se do conhecimento da região, adotavam meio por instinto e intuição, a técnica da mobilidade e da surpresa, desconcertando e irritando os atacantes e seus chefes. Mas a morte do "monge" e da virgem Maria Rosa, possibilitando que o comando caísse em mãos de bandoleiros, acabaram por desagregar o movimento e apressar o seu esmagamento.

Todas as figuras expressivas estão retratadas com perfeição pelo autor, desde os "monges" João Maria e José Maria, até Adeodato, Jerome, Maria Rosa, o "imperador" Rocha Alves e tantos outros.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

Também os redutos e redutinhos, os combates e grandes momentos dessa luta desesperada estão descritos com vigor e sobriedade.

Escritor de recursos e experiência, autor de muitos livros,

Noel Nascimento escreveu um romance histórico dos raros, uma contribuição importante para o conhecimento da rebelião que se coloca entre as maiores do País e no entanto ainda é pouco versada em nossas letras.

D^a MARIA BACCA COMPLETOU 100 ANOS

Foi festivo o dia 4 de março corrente para a numerosa descendência da sra. Maria Bacca, nascida em Gaspar a 4 de março de 1884. Trata-se de um acontecimento que realmente merece destaque.

Dona Maria Bacca nasceu naquele dia 4 de março de 1884 em Gaspar. Aos 21 anos contraiu matrimônio com o sr. Leone Bacca, de cujo enlace nasceram 12 filhos. No ano de 1923, a família mudou-se para Blumenau.

A felicidade do casal durou na sua totalidade até o ano de 1944, quando faleceu o sr. Leone Bacca, deixando viúva dona Maria. Esta continuou a viver sozinha até atingir 90 anos de idade, quando então sua filha Emilia B. Jannings passou a morar consigo.

A descendência de dona Maria Bacca é numerosa. E por isso mesmo, houve razão suficiente para que a passagem dos seus cem anos de nascimento fosse bastante festejada, tendo dona Maria Bacca usufruído bastante desta homenagem, sentindo-se ainda bem disposta e feliz.

Por ocasião dos festejos do centenário de dona Maria Bacca, registrou-se a seguinte descendência direta do casal então formado pelo sr. Leone e por dona Maria Bacca: Onze filhos, quarenta e sete netos, cento e doze bisnetos e doze tataranetos, além dos descendentes aliciados como seus genros e noras que formam uma família muito numerosa, unida e que usufrui de grande conceito e estima na sociedade blumenauense.

Um dos descendentes de dona Maria é seu neto o ecologista Lauro Eduardo Bacca, professor emérito e grandemente conhecido nos meios culturais e científicos do Estado, atualmente exercendo as funções de Assessor do Meio Ambiente na administração Dalto dos Reis.

Ao fazer este registro, "Blumenau em Cadernos" saúda dona Maria Bacca pelo feliz evento, estendendo os cumprimentos a todos os seus numerosos descendentes.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

DIÁRIO DE VIAGEM DO IMIGRANTE

PAUL SCHWARTZER

(Continuação do número anterior)

Nós íamos agora todos juntos ao longo de um pequeno rio, que, eu acho, chama-se Praie, até chegarmos a uma casa que aqui é construída para os colonos que chegam, aí esperamos até que a fragata viesse rio abaixo, isso aconteceu somente à noite, até esta hora as pessoas se martirizaram para conseguir que o barco navegasse novamente. Nós dormimos esta noite mais uma vez na fragata e amanhã nós iremos com carretas para a colônia, a qual ainda dista várias milhas daqui. (Rio São Lourenço, Praie se chama a região, o que quer dizer o mesmo que planície).

Quinta-feira, 1 de janeiro de 1863

Às 10 horas da manhã prosseguimos por meio de carretas. Estas carretas são carros bem estranhos, tem somente duas rodas, as quais, entretanto são de construção bem resistente, mas apresentam um aspecto desajeitado, são puxadas dos 6-8 ou mais bois que são atrelados dois a dois; os bois que são usados para este fim, são como é em geral o gado por aqui, durante o ano todo são mantidos no pasto, quando o carreteiro quer atrelar os bois, ele os pega primeiro com o "Lasso", o que nem demora muito, pois os brasileiros são bem destros nisso.

Portanto, após haverem sido carregados os bens de Pantz, Ebert e meus, e nós junto com eles, iniciamos a viagem que me pareceu altamente redícula e estranha; eram carretas, tracionadas, uma por 6 e a outra por 8 bois, e ao lado de cada uma cavalejava um condutor ou guia, que estava com uma vara comprida provida de uma ponta de ferro e anéis de ferro, impelia os bois. Inicialmente ia muito bem, enquanto o terreno ainda era plano, mas quando começou a ficar montanhoso e com pedras, aí as carretas batiam para a direita e para a esquerda de maneira que a gente pensava que iriam virar.

Fu estava, sobre uma das carretas sozinho e estava sentado sobre uma das malas, as outras duas famílias estavam sobre o outro carro.

Aí, de repente, os 8 bois que estavam diante da carreta sobre a qual eu me encontrava, espantaram-se e saíram pela direita da estrada, comigo junto e o veículo também, e se eu não me tivesse seguido muito bem, poderia ter acontecido algo de ruim, mas não durou muito, assim os bois foram chamados à "Raison", pelos guias. Nós andamos até a noitinha e paramos num vale coberto de mata, onde o guia nos indicou para fazer nosso acampamento, o que decerto, no Ano Novo, era um início ruim, mas para mim causou prazer.

Para começar foi feito um fogo, uma panela de batatas posta por cima e assim preparado o jantar. Após isto os outros acamparam

debaixo dos carros, Ebert e eu, entretanto, queríamos ficar de guarda, ele carregou, pois, sua espingarda de dois canos e eu minha pistola e assim ficamos de guarda quase toda noite, mas esta precaução não seria necessária, pois não se mostrou nada de suspeito, somente uma manada de gado com um touro mugindo, passou por nós.

Sexta-feira, 2 de janeiro de 1863

Ainda antes do nascer do sol, seguimos adiante por cima de morros e vales e por bonitas matas virgens com magestosas palmeiras, pelas 10 horas da manhã chegamos no Diretor da colônia, Sr. Rheingantz, onde fomos regalados com um almoço, depois nossa bagagem foi posta sobre duas outras carretas e assim a viagem continuou.

Agora ia quase seguidamente por mata virgem e o caminho estava ruim, além de toda compreensão. Ao anoitecer nós estávamos na colônia, mas ainda não no destino, isto é, no irmão do velho Pantz; nós pernoitamos desta vez num colono pomerano que nos recebeu muito amavelmente e nos serviu e se alegrou muito quando eu lhe disse que tinha a intenção em ficar aqui como mestre-escola.

Sábado, 3 de janeiro de 1863

Finalmente hoje pela manhã nós chegamos ao destino e, infelizmente a velha mamãe Pantz ficou muito doente. Entretanto os outros e também eu, estão com saúde e dispostos.

A tarde fui ao regedor da colônia Pomerana e lhe participei que tenciono funcionar aqui como mestre-escola e solicitei-lhe que reunisse amanhã, domingo, a comunidade e lhes apresentasse isto e eu iria celebrar o culto conforme até agora eles sempre costumavam fazer. Ele prometeu corresponder ao meu pedido e assim foi dado o primeiro passo para a minha nova função.

O que diz respeito à colônia, ela me agrada bastante bem, fica situada numa região bonita, algo montanhosa e as pequenas casas dos colonos, no meio de suas colônias e cerca de 300 passos uma da outra e para trás a mata virgem, são bastante agradáveis

Domingo, 4 de janeiro de 1863

A tarde, pelas 2 horas, fui à reunião para celebrar culto e falar com o povo sobre minha colocação.

O culto começou com um canto religioso, depois eu li o sermão e reinava enquanto isso um silêncio mortal, minha conferência parecia agradar a todos. Após terminado este, foi novamente cantado e depois rezado um padre-nosso e assim o culto estava terminado. Agora começou a deliberação por minha causa. Todos estavam de acordo com que eu ficasse aqui como mestre-escola, agora tratava-se

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

apenas do salário que eles deviam me instituir, aí eles não podiam chegar logo a um acordo, mas finalmente resolveram que me fosse pago proporcionalmente 3 mil réis por criança, mas o diretor da colônia deveria, ou o governo imperial, conceder-me ainda, um salário fixo, porisso amanhã iriam os três mais velhos da comunidade e eu, cavalgar até o diretor para falar com ele sobre isto.

Segunda-feira, 5 de janeiro de 1863

Hoje de manhã, pelas 6 horas, nós saímos daqui a cavalo e chegamos pelas 10 horas no Rheingantz. O cavalgar trouxe-me muita satisfação e eu não acreditava que soubesse cavalgar tão bem, pois montava pela primeira vez em um cavalo.

Quando o assunto foi tratado com Rheingantz, ele se prontificou em dar uma colônia para a terra da escola e também 50 mil réis para a construção da casa, mas um salário para mim ele não poderia dar, igualmente ele achava, que o governo também não daria porque só assalariava os professores que ensinavam também o português.

Com esta informação cavalgamos novamente de volta.

Mas garantiram-me os 3 homens que foram junto, que fariam todo o possível e tratariam de mim. Chegamos somente à noite em casa novamente.

Quarta-feira, 7 de janeiro de 1863

Hoje pela tarde fui novamente, mas desta vez a pé, ao diretor Rheingantz, para quem devo testemunhar amanhã aqui no tribunal brasileiro, em ação contra um certo transportador Dietrich, o qual teve um desentendimento com o diretor no dia de nossa chegada, o que infelizmente assisti.

Pernoitei no Rheingantz e

Quinta-feira, 8 de janeiro de 1863

Pela manhã, às 4 horas, saímos a cavalo para o rio Praie onde o tribunal teria lugar. Depois de nos termos refeito da cavalgada com um almoço brasileiro, continuamos a pé até a foz do rio Lourenço, em cujo lado direito havia uma casa na qual o julgamento teria lugar.

Também não demorou muito e iniciou o debate e constituia todo o pessoal do tribunal em 2 juizes ou seja qual o título que eles tinham e um tradutor.

Quando chegou a minha vez em dar o meu testemunho, eu o fiz com a maior intepidez e bem segundo a verdade, com que entretanto o Sr. Rheinganz não ficou satisfeito, pois ele gostaria de ver que meu testemunho fosse de tal natureza que o seu oponente fosse condenado, mas o que seria injustiça, pois Dietrich é a parte mais ofendida, resumindo parece que o Sr. Rheinganz é agora meu inimigo, porém disso faço pouco caso, pois conservei minha consciência limpa. Comemos antes de nosso regresso mais uma vez à brasileira em uma "Wenda" brasileira e então, novamente a cavalo e chegamos à noitinha bem cansados e fatigados no Rheinganz, onde fiquei novamente pela noite.

Sexta-feira, 9 de janeiro de 1863

Hoje pela manhã pus-me novamente em viagem de regresso para a colônia, onde cheguei a tarde e soube que um certo Gaspar Nicolai havia falecido, com quem eu fiz a viagem na fragata até aqui, do Rio Grande.

Assisti ao enterro que foi ao anoitecer, e acompanhei o cortejo fúnebre na dignidade do Pastor, fiz no túmulo, o qual fora preparado no mato, várias orações e canções e voltei, com pensamentos sombrios sobre a fragilidade dos homens, para casa.

Sábado, 10 de janeiro de 1863

Hoje enviei uma carta aos meus queridos pais e irmãs e uma para o Sr. Foerster, em Hamburgo. Também troquei hoje de acomodação e mudei dos Pantz para um colono de nome Främming, um homem muito bondoso e amável que deseja fornecer-me gratuitamente alimentação e hospedagem durante um mês.

Domingo, 11 de janeiro de 1863

Celebrei hoje novamente o culto como há oito dias e parecia que a comunidade estava bem satisfeita com ele.

Segunda-feira, 12 de janeiro de 1863

Funcionei hoje pela primeira vez como mestre-escola e foi para mim bastante amargo pois, ensinar o alfabeto para crianças indóceis, mas eu juntei a minha paciência e sempre encarava o lado cômico da minha nova colocação.

Quinta-feira, 22 de janeiro de 1863

Até agora estou gostando bastante do meu novo cargo, poucas crianças estão ainda frequentando, pois agora já estão ocupadas com o feijão, mas isto irá certamente melhorar. Além disto sinto-me bem e parece que a vida ao ar livre na natureza me está fazendo bem. À tarde ocupo-me na colônia do meu anfitrião e o ajudo nos seus trabalhos tanto quanto posso; eu também já aprendi a debulhar, etc.

Nestes dias eu soube que um homem de nome Leindecker, um merceeiro aqui na colônia, desapareceu repentinamente, sem deixar rastro e apesar de toda procura, até agora não se descobriu nenhuma pista dele.

Ontem à tarde faleceu a mulher do velho Pantz, depois de ter estado doente constantemente desde nossa chegada.

Quinta-feira, 29 de janeiro de 1863

Como soube, encontraram por estes dias o cadáver do tal Leindecker, enforcado em uma árvore.

Eu me adaptei agora bastante no meu cargo de mestre-escola e estou começando a gostar também da vida aqui.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

A PROPOSTA TENTADORA

I

Voltava o Dr. Blumenau do correio onde fora postar uma carta para o Ministro Miguel Calmon, anexando cópia do relatório de tudo que vira no Rio Grande do Sul, nas três colônias de imigrantes alemães ali radicados, quando em seu hotel o esperava um tal Galvão que foi direto ao assunto:

— Vim procurá-lo, Dr. Blumenau, porque fui informado que o sr. nos visita para inspecionar imigrantes alemães que se fixaram em nosso Estado, na qualidade de representante da "Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil".

— Exatamente sr. Galvão, mas, por que sua visita?

— Dr. Blumenau, sei também por informações que o sr. é profundo conhecedor dos problemas de imigração e colonização, razão porque vou lhe fazer uma proposta que se enquadra, justamente, dentro da esfera de seu trabalho de colonizador...

— Um momento, sr. Galvão! Não sou colonizador, pretendo ser, tudo dependendo de uma série de circunstâncias. Agora, conheço, de fato, os vários ângulos da imigração alemã para diversos países e tenho um estudo de como colonizar e espero pô-lo em

prática na futura colônia que pretendo implantar, no Brasil, não sabendo ainda o lugar, e é o que faço atualmente, procurando-o.

— Pois muito bem, Dr. Blumenau, acabaram de chegar ao Rio Grande do Sul, 2.000 imigrantes alemães e eu lhe proponho assumir a direção da nossa futura colônia, podendo o sr. estabelecer seu ordenado e sociedade que nós acataremos sem discussão. Tem mais, o Dr. Blumenau escolherá o local dos muitos que lhe mostraremos para fixação da colônia.

— A sua proposta é, de fato, tentadora e muito interessante, sr. Galvão. Mas... vou lhe pedir que espere até amanhã quando dar-lhe-ei uma resposta sobre o assunto. Preciso pensar muito bem esta noite, calmamente, e amanhã estarei apto a lhe dar uma resposta sensata.

— Muito bem Dr. Blumenau, amanhã virei buscá-lo para o almoço e então com curiosidade ouvirei o que terá a me dizer, certo de que a sua resposta será afirmativa. Não acha, dr. Blumenau?

— Por ora é prematura qualquer manifestação minha. Conheço a responsabilidade a assumir, e também como é tentadora a sua proposta, sr. Galvão.

— Então até amanhã, dr. Blumenau.

— Passe bem e muito obrigado, sr. Galvão.

II

Naquela noite o dr. Blumenau não conseguia dormir. Em seus pensamentos bailavam as palavras tentadoras do sr. Galvão.

— E, a sua tão sonhada colônia, caberia no contexto da proposta? Não! Em seus sonhos bem sonhados e seus devaneios tão bem acalentados, seria impossível enquadrá-la na proposta. Já que a sua futura colônia deveria ser obra exclusiva de seus colonos que, como um milagre haveriam de transplantar para um lugar privilegiado que ele haveria de encontrar, bem no sertão brasileiro, um pedaço tradicional e cultural da sua tão querida Pátria Alemã, para fazer renascer neste Império Continente, a sua “Pequena Alemanha”, próspera e feliz que os séculos consagrariam como obra duradoura e eterna de seus patricios.

Ele, de há muito tinha na sua alma e no seu coração de idealista, bem formada e arquitetada toda uma colônia que analisando e medindo todas as probabilidades, não cabia no conteúdo físico da proposta, sem macular a sua grandeza e o seu futuro. Lamentando-se sentiu que seria impossível. Os seus sonhos eram bem maiores do que toda a tentação material que acabara de receber.

Poderia muito bem abandonar todos os seus planos, e aceitar a proposta que lhe fizera o sr. Galvão, que para um materialista era irrecusável. Mas ele, um espiritualista, bem sabia que tal-

vez, futuramente, quando tivesse de enfrentar a grande luta da implantação de sua futura colônia, viesse a se arrepender amargamente dessa recusa.

Era preferível correr todos os riscos e ficar com seu ideal, do que ceder, e enriquecer, passando pelo mundo como um despercebido. Ele, que enchera seu coração e sua alma, com uma colonização que ele sabia seus colonos a realizariam, porque conhecia muito bem a fibra, o trabalho e grandeza de realização de seus patricios, que sob sua orientação, estímulo e apoio, haveriam de fazer nascer uma futura cidade, símbolo de glórias, tradições e efetivações germânicas, como se a sua “Pequena Alemanha” renascesse bem dentro do coração do sertão brasileiro.

Ele preferia ficar com seus sonhos e suas quimeras, que habitavam seu grande mundo espiritual, e faziam nascer cada vez mais sólido e real, o seu ideal de colonizador, do que aceitar a proposta do sr. Galvão, e acordar para uma realidade material, que ele não saberia com ela conviver e viver feliz.

No dia seguinte, para espanto de sr. Galvão, que não podia conceber, o Dr. Blumenau recusasse tão tentadora proposta, ouviu, serenamente o que jamais pensou ouvir:

— Sr. Galvão, agradeço, profundamente, sua excelente proposta! Mas, vou tentar implantar no Brasil, não sabendo ainda onde, uma colônia que sempre sonhei realizar neste Império Continente, que não será obra minha, mas sim, de meus conterrâneos, que apenas seguirão minha orientação, fruto de um ideal, bem

amadurecido em meu coração e minha alma de pretensão colonizador, tão somente.

Perplexo, o sr. Galvão fixou o Dr. Blumenau, e espantado com a serenidade com que ouvira a recusa, falou pausadamente:

— Mas, Dr. Blumenau... não posso acreditar... sinceramente... na sua recusa?!

O Dr. Blumenau, que já esperava a surpresa que tanto assombrou o sr. Galvão, resolveu filosofar, para acalmar o seu proponente:

— Sr. Galvão! São dois os mundos em que vivemos: o Espiritual e o Material. Eles estão irmanados como um todo, sólido e, indestrutível, e não nos será possível vivermos em paz conosco mesmo, se não soubermos equilibrá-los, de forma que a busca da nossa felicidade, que é a razão da nossa existência, se efetue e realize como nosso objetivo e sonho maior.

O sr., por exemplo, se no momento conseguisse a minha aprovação à sua proposta, o que sentiria?

— Muito feliz, dr. Blumenau?

— Mas, por que, Sr. Galvão?

— Porque meus planos de colonização realizar-se-iam com com grande sucesso, sem dúvidas!

— O que equivale dizer, o sr. equilibraria o seu mundo material com o espiritual, e daí, a razão de sua felicidade.

— Claro e evidente, Dr. Blumenau! Mas, pelo que vejo e sinto, o senhor é filósofo, pois não, Dr. Blumenau?

— Sim, estudei filosofia e

gosto de aplicá-la para justificar atos que às vezes, como no caso presente, parecem aos outros absurdos. Como vê o sr. poderá notar que sou mais espiritualista que materialista. E o sr. Galvão?

— Confesso-lhe que sou muito mais materialista que espiritualista, porque acredito na força e o poder do dinheiro, Dr. Blumenau.

— Eu ponho minhas dúvidas, porém reconheço que são força e poder ponderáveis e há quem diga que governam nosso mundo. São pontos de vista. Mas, sr. Galvão! Deus ao criar nosso mundo e, conseqüentemente, a criatura humana, distinguiu-a dos animais, dando-lhe a força e o poder de raciocinar, para desenvolver, aperfeiçoar e ilustrar bem, sua inteligência, para criar e aprimorar, verdadeiras maravilhas que assombrassem a própria Humanidade, e fizesse do seu mundo material, a sua obra-prima.

Porém, limitou o poder da própria vida, que é a origem de todo o Universo animado por Ele criado.

Em poucas e resumidas palavras, Sr. Galvão. O ser humano jamais criará, em seus fabulosos laboratórios, a pequenina semente da mostarda ou, o minúsculo e imperceptível sêmen, que são as origens geradoras de vida que habitam nossos reinos, vegetal e animal! E, sabe por quê?

— Confesso, Dr. Blumenau, eu sou um simples materialista e não um espiritualista.

— Porque, Sr. Galvão! Quando termina o poder de criatividade do nosso mundo material, começa então, toda grandeza e oni-

III

patência do nosso mundo espiritual e nele nas alturas está a morada de Deus, cujas portas se abrem através de nossas preces, feitas com fé e muito amor, para irmos ao seu encontro, dialogar e pedir que ilumine os nossos caminhos que nossas tentações materiais turvaram, quando desequilibram nossos mundos pondo em risco a nossa felicidade, com as perturbações de nossos conflitos sociais, que sempre surgem em tais momentos.

Tão fácil será evitarmos tais situações, se nestes momentos ergueremos nossas cabeças e nossos pensamentos bem alto, para irmos ao encontro de Deus, orando com humildade, muita fé e esperança, para vermos perdoados os nossos erros e pecados. Como vê, sr. Galvão, é tão fácil vivermos espiritualmente e tão difícil materialmente, somente porque cada dia que passa a criatura humana olha mais, horizontalmente, na procura das tentações materiais, esquecendo que toda grandeza e beleza de nossas vidas, vêm do alto, das alturas onde fica a morada de Deus!

— Confesso Dr. Blumenau, aprendi uma grande lição que cada dia a vida nos ensina como nossa melhor mestra .

—Sr. Galvão, esta noite vou elaborar um plano de colonização, acredito que em seguindo-o chegará a resultados compensadores.

— Muito lhe agradeço e amanhã estarei aqui para apanhá-lo e segui-lo integralmente, Dr. Blumenau .

— Boa tarde sr. Galvão e até amanhã.

Dois dias depois, o Dr. Blumenau retornava ao Desterro para ir ao encontro de Hackradt na Vila do S. Sacramento do Itajaí e dar começo a procura do local para sua futura colonização .

Resolveu porém ir ao Palácio procurar o Cel. Neves, vice-presidente da província, que Hackradt já lhe havia apresentado num encontro casual no Desterro, e na época recebeu convite para visitá-lo em palácio, porque o Cel. Neves fazia questão de apresentá-lo ao Presidente da Província, que era um entusiasta pela imigração alemã e tinha o máximo interesse em conhecê-lo, sem dúvidas.

Há tempos conhecera no Rio de Janeiro o conde von der Goltz que já naquela ocasião falou sobre a primeira colônia alemã instalada em Santa Catarina, e o conde se prontificou a levar o Dr. Blumenau até a colônia, tão logo ele visitasse a província. Era, portanto, chegada a hora de procurar o conde cujo endereço tinha consigo e visitar a Colônia São Pedro de Alcântara por curiosidade.

Deixou a visita ao palácio para depois de ter visitado a colônia em companhia do conde von der Goltz e foi então a procura dele no endereço indicado.

Recebido alegremente pelo conde, trataram da visita:

— Sr. conde aqui estou para visitar a Colônia de São Pedro de Alcântara, conforme combinamos há tempos na corte, lembra-se?

— Que dúvida, Dr. Blumenau, lembro-me e muito bem e estou disposto a levá-lo quando quiser.

— Poderá ser hoje, agora, por exemplo?

— Sim senhor. Vamos então alugar um carro de bons cavalos e cocheiro que bem conheço e em poucas horas estaremos lá.

Os dois patrícios e amigos chegaram a Colônia de São Pedro de Alcântara na hora do almoço.

Procuraram a casa do administrador da colônia e lá mesmo almoçaram com a família dele que os recebeu carinhosamente.

— Diga-me uma coisa sr. Matias — O Dr. Blumenau foi logo ao assunto que mais o interessava

— Estão satisfeitos seus colonos aqui?

— Infelizmente não, Dr. Blumenau!

— Mas, por quê? Quais os motivos dos descontentamentos?

— São vários e muitos, mas, o principal deles é a má qualidade das terras e a própria colocação da colônia perto da sede da província e o envolvimento dos colonos com nativos da ilha que muitas vezes resulta em discussões, brigas e aborrecimentos.

Biblioteca "Dr. Fritz Mueller" voltou a emprestar livros

Cumprindo uma de suas mais importantes finalidades para as quais foi instituída, a do incentivo à leitura, a Biblioteca "Dr. Fritz Mueller", pertencente à fundação "Casa Dr. Blumenau", reiniciou, no dia 7 do corrente mês, o serviço de empréstimo de livros para os assíduos leitores que a têm prestigiado ao longo dos últimos anos.

Inteiramente paralizada nas suas atividades desde a catastrófica enchente de julho passado, quando cerca de 30% dos 69.000 títulos existentes foi destruído pelas águas barrentas, não foi fácil o trabalho desenvolvido pelo pessoal lotado naquela casa para recuperar algumas obras atingidas, refazer todo o fichário e classificar as novas obras adquiridas ou recebidas em doação durante todo o segundo semestre de 1983. Para chegar-se ao resultado de hoje, contou a instituição com a colaboração do Serviço de Bibliotecas Integradas da UDESC (Florianópolis) e das duas funcionárias cedidas pela prefeitura de

Blumenau, com o que as principais obras e coleções puderam ser classificadas e fichadas, colocando-se à disposição dos usuários para empréstimos e consultas. Os leitores por empréstimo pagarão uma taxa anual de 200 cruzeiros adquirindo com isso o direito de levar emprestado um livro cada 15 dias. Para facilitar ainda mais aos estudantes na procura de obras para pesquisar, foi instituído horário de atendimento integral, isto é, a Biblioteca abre às 7,30 manhã e só encerra as atividades às 20 horas, permanecendo, portanto, aberta inclusive na hora do almoço.

Venda de livros

Visando arrecadar fundos para a compra de novos livros de literatura, ficção e outros, foram colocados à venda, à entrada da Biblioteca, todas as obras, na maioria de cunho histórico, editadas pela gráfica da Fundação "Casa Dr. Blumenau". A renda também poderá reverter em favor da melhoria das instalações da própria Biblioteca.

Como preparar o espírito cívico das crianças?

J. Gonçalves

Subordinado ao título acima, publicamos na última página da edição anterior desta revista, um comentário sobre uma das formas de preparar o espírito cívico da nossa juventude, e que há de fazê-los conhecer e analisar nos seus mínimos detalhes e significados, os hinos de nossa pátria, principalmente o hino nacional.

Como resultado daquele comentário tivemos a satisfação de receber de muitos amigos manifestações de apoio e todos concordam que algo mais deva ser feito pelas autoridades do nosso ensino, visando aprimorar, nos alunos do curso básico, o conhecimento dos nossos hinos, além do nacional, os da independência, hino à bandeira, hino de Santa Catarina e outros.

O caro amigo e abalizado médico Valmor Belz que no passado não muito distante, quando ainda estudante foi um dos mais perfeitos atletas do Grêmio Esportivo Olímpico, como titular da equipe de futebol e praticante de outros esportes amadores, manifestou-se de maneira a mais veemente, corroborando a nossa afirmativa e dizendo que uma intensa campanha visando sensibilizar as autoridades do ensino, devia ser lançada já, porque os jovens necessitam de todas as opções ao seu alcance para aprimorar seu espírito cívico e nada melhor do que fazê-lo

ainda na mais tenra idade, quando estes ensinamentos ficam melhor gravados e nunca serão esquecidos. Valmor Belz diz ainda que outros leitores desta revista deveriam escrever suas opiniões e enviá-las para nós afim de que o assunto seja ventilado em cada edição.

A primeira carta

A propósito, vamos divulgar, a seguir, na íntegra, a primeira carta que recebemos sobre o assunto, vinda da sr. Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, conceituada escritora e historiadora, nossa colaboradora de vários anos e que diz o seguinte: "Ibirama, 12 de março de 1984. Prezado seu José. Oportuna sua colocação em favor do desenvolvimento de um espírito cívico nas crianças. O tema é por demais envolvente e eu, como professora de Estudos Sociais, também me posiciono a favor. É sabido que nossas crianças necessitam um contacto maior com os hinos que dizem respeito à sua pátria, ao seu Estado. Recentemente, lecionando fundamentos de Estudos Regionais em classes normalistas de segundo grau, pude observar o total desconhecimento de diversos alunos com relação ao hino de Santa Catarina. E ficaram encantados em conhecê-lo, a par de sua difícil

interpretação. Mas nunca deixei de exaltá-lo como peça fundamental dentro do respeito e amor ao civismo catarinense. Deveria haver um maior interesse e uma maior motivação por parte dos professores ligados à matéria, a fim de desenvolver em todos os alunos o "aprimoramento do espírito cívico", como o senhor enfatiza.

Creio que a partir de sua colocação, poderíamos elaborar um pensamento. O desenvolvimento da idéia é válido e já tenho algu-

ma colaboração a respeito. Vamos nos organizar? Quem sabe até poderia sair uma "Cartilha de Civismo por Santa Catarina", ou algo a respeito. aguardo uma resposta sua. Um abraço da Maria do Carmo".

O nosso muito obrigado pelo apoio recebido da ilustre professora dona Maria do Carmo. Conte com as páginas desta revista para levar avante sua idéia. A da Cartilha é ótima. Quem sabe chegaremos lá? Voltaremos ao assunto.

AS FESTAS FOLCLÓRICAS DE PENHA

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart.

Penha é terra de poucos registros históricos, mas dos mais antigos de Santa Catarina. Senão, vejamos: Saint-Hilaire (1) assim mencionou sobre o então porto pesqueiro, em 1820:

"Depois de passarmos por trás da Ponta do Cambri e atravessarmos o pequeno rio do mesmo nome por uma ponte de madeira em muito mau estado, chegamos à praia que contorna e Enseada de Itapocoróia. Esta se estende desde a Ponta do Cambri até a da Vigia, formando um amplo semicírculo, que avança profundamente pela terra adentro. Acima da praia se elevam morros irregulares e cobertos de matas. (...) No fundo da enseada, mas muito mais perto de Morro da Vigia do que do de Cambri, avistam-se à beira do mar e ao pé de um morro as vastas construções das armações de Itapocoróia".

Os dados sobre a instalação da referida armação são incertos e a data provável é que se situe em algum ponto do calendário entre 1777 ou 1778. Nessa ocasião, Penha já era uma das seis armações que existiam na Província de Santa Catarina e, com o nome de Itapocoróia, aparece registrado por Saint-Hilaire que, a respeito, citou:

“escrevo Itapocoróia, porque é assim que esse nome é pronunciado no lugar. Em outros autores encontram-se Itapocoroia, Itapacoróya, Itapacorói e Itapocoroy. O nome parece derivar do guarani “Itapacorá”, (parecido com um muro de pedra)”. (2)

As armações eram estabelecimentos de “onde partem os barcos que vão à pesca e para onde são trazidas as baleias a fim de lhes ser extraído o óleo”. (3) Atribui-se aos portugueses as instalações das armações. Saint-Hilaire ainda cita que “As armações da Bahia já se achavam em atividade quando foram instaladas três outras na Província do Rio de Janeiro, não tardando que São Paulo e Santa Catarina também tivessem as suas”.

Para o serviço nas armações, lavradores e escravos eram requisitados como empregados. Aqueles, “muito pobres quase todos” - escreveu Saint-Hilaire; já os “empregados eram homens-livres, mercedores de mais confiança e que iam à pesca da baleia propriamente dita. Os escravos “eram empregados na fabricação de óleo”. Porém a pesca da baleia declinava e quando de sua passagem pela Armação de Itapocoróia, em 1820, Saint-Hilaire escrevia que “era fácil prever que aquele estabelecimento e todos os seus congêneres não conseguiriam manter-se por muito tempo”. (4) Ele escreveu isso baseado não só na diminuição ocorrida na pesca à baleia, mas na ociosidade dos seu moradores que “ao invés, porém de guardarem para o futuro um pouco de dinheiro ganho com este trabalho e cultivarem suas terras nos dias de folga, eles ficavam à toa quando terminava a pesca e passavam a vida bebendo cachaça, cantando e tocando violão até que o dinheiro acabasse”. (5)

Mas apesar da pesca e das armações terem declinado, o Distrito de Itapocoróia foi elevado à Paróquia em 1839, com limites assim estabelecidos: no norte, pelo Itapicu, e no sul, pelo Rio Gravatá. Vinte e um anos antes de ser elevada à Paróquia, em 1811, Itapocoróia contava com 1.417 indivíduos livres e 223 escravos. Estabeleceu-se ali uma instituição de ensino primário e sua igreja foi consagrada a Nossa Senhora da Penha.

O município de Penha derivou-se do de Itajaí (Lei nº. 348, de 21 de junho de 1958) e dele originou-se Piçarras (palavra portuguesa que significa uma mistura de cascalho e areia).

Como se explica a razão do município de Penha possuir um folclore tão rico (Terno de Reis, Festa de São João e São Pedro, Festa de São Sebastião, Festa do Divino, Festa de Nossa Senhora do Rosário - ou Natal dos Pretos)?

Foi ainda Sait-Hilaire quem registrou: “Notam-se alguns traços de sangue indígena nos habitantes do lugar, mas segundo me disseram

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

esses traços tendem a desaparecer cada vez mais, já que constantemente emigram para ali habitantes da Ilha de Santa Catarina, os quais, em sua maioria, descendem dos açorianos e pertencem à raça caucásica pura". (6)

Constatamos, assim, a presença de dois elementos na formação cultural, religiosa e folclórica de Penha: o português e o negro.

As manifestações culturais no município revestem-se de um clima simples e popular, cuja perseverança nas realizações encontram no pessoal mais humilde a certeza de continuidade a cada ano.

A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO OU O NATAL DOS PRETOS.

O caráter religioso desta festa é despojado de riquezas materiais, isto é, os participantes não recebem pagamento; como estão a serviço da Santa, só precisam desempenhar suas funções a contento para agradá-la.

Os traços nativos da festa estão ligados à dança negra **moçambique**, trazida da África e recriada no Brasil pelos negros bantos chegados de Moçambique (e outros países da África). Muito embora o elemento africano da dança tenha desaparecido, permanecem no bailado algumas características da coreografia original: roda, canto uníssono, com destaque para o solista (capitão), batida de pé, volteado.

Câmara Cascudo (7) cita **moçambique** como "bailado popular em Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, participando dos festejos do Divino, Nossa Senhora do Rosário, ou S. Benedito". E diz também que "teria sido no tempo da escravaria dança de conjunto negra e daí a denominação "moçambique". O fato de Câmara Cascudo não registrar a dança em Santa Catarina talvez se deva ao fato da própria falta de registro da festa do **Natal dos Pretos** no calendário e publicações folclóricas do Estado. Tal comemoração consta do Calendário Cultural do Estado de 84, divulgado pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC); é o primeiro registro oficial de que tivemos conhecimento a respeito da divulgação da festa, e aparece no mesmo Calendário catalogado no dia 25 de dezembro, como Festa de Nossa Senhora do Rosário (8), com a seguinte informação:

"Festa tradicional com apresentação do Moçambique, dança folclórica de origem africana. Promoção: Associação dos Homens de Cor, Igreja Matriz e Prefeitura Municipal".

Segundo contactos que mantivemos com pessoa ligada ao CEC, os dados foram apresentados pelo Padre Vigário de Penha () à época da informação, o Padre Cláudio). A Associação dos Homens de Cor ou a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e a Igreja Matriz da localidade estão intimamente relacionadas na promoção da realização; desconhecemos (e não tivemos nenhuma informação a respeito por

parte dos nossos informantes) a colaboração da Prefeitura Municipal nesse acontecimento.

A respeito da dança "Moçambique" é Renato de Almeida (9) que indaga se não "podemos falar de um teatro folclórico negro no Brasil", pois, diz o autor: "os cortejos, com personagens, que perduram até hoje, não serão representações, mas por certo dramatizações, como acontece com os maracatus, os afoés, o moçambique e muitos congos". O mesmo autor ressalta ainda o aspecto singular da dança, citando "a intenção religiosa dos Moçambiques", que "são fenômenos para comprovarmos a interpretação, a reintegração e decomposição de nossos bailados folclóricos". (10)

Entre contribuições do negro para a formação étnica e cultural do nosso povo, a dança destaca-se como uma das mais importantes. Na dança religiosa e na dança ritual "o negro destaca os valores dos motivos que os levam às figurações. A procura de uma liberdade fingida, o negro aproveitou-se das manifestações de espírito religioso ou lúdico para manifestar-se livremente e "assim corou reis, organizou cortejos, dançou para orixás, imitou música que ouvia nas Igrejas (...)". (11)

Tanto é verdade que Câmara Cascudo cita: "não existe em Moçambique, África Oriental, dança alguma com este nome". (12)

E foi assimilando que o negro escravo morador da Armação de Itapocoróia dançou e passou a seus irmãos negros - porém livres de Penha, a tradição da festa de Nossa Senhora do Rosário cu Natal dos Pretos.

Qual a origem dessas festas negras?

Alceu Maynard Araújo (13) cita que "no triste tempo da escravidão assim eram chamadas as festas de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário. Hoje não se pode mais chamá-las de festas dos negros, primeiramente porque os brancos nelas penetraram. Estão em franca decadência ou desapareceram, poucas resistiram às mudanças sociais com as de Guaratinguetá".

Nessas festas dos negros é enorme a reverência a São Benedito (festejado no mês de abril) e à Nossa Senhora do Rosário (festejada em outubro).

Na Penha, há uma festa dessas: a de **Nossa Senhora do Rosário**, comemorada no segundo dia de Natal. Segundo consta, a transferência da data da festa do seu mês — outubro —, para o dia 26 de dezembro, seria uma forma de homenagear a Santa, já que era o único dia livre que os escravos tinham durante o ano e, assim, comemoravam o Natal dos Pretos, no dia em que seus senhores dispensavam os seus serviços domésticos.

A função religiosa do Natal dos Pretos está ligada a uma instituição, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário. Os vínculos religiosos estão intimamente ligados ao bailado executado em louvor à santa. A reverência ao símbolo — no caso, a imagem da santa —, está pre-

sente no ato de colocar o cordão e o broche naquele que representa a louvação maior: a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

A parte "folclórica" de tal comemoração contém elementos que enriquecem a festa.

Pouco há registrado a respeito dessa festa do folclore — por que não dizer? —, religioso de Santa Catarina. As informações mais precisas são coletadas junto aos homens antigos do lugar (Penha) e arredores (Itajaí e Navegantes). Quase todos os informantes são negros pois, afinal, a festa é deles. E todos são unânimes em afirmar: a festa está acabando.

Quando ela começou? Ninguém sabe precisar. Cento e poucos anos, arrisca um. Quantos? Ao certo, ninguém sabe dizer quantos seriam esses "poucos anos". Mas sabe-se que a Festa de Nossa Senhora do Rosário é importante e significativa para uma raça: a negra. E, se hoje já não existem mais escravos negros, a comunidade de Penha e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário continuam a comemorar o Natal dos Pretos, relembrando, a cada dezembro, uma festa revestida de grande valor religioso e espiritual.

A festa tem início a 18 de dezembro, quando os membros da irmandade erguem, na tarde daquele dia, um mastro num local próximo à Igreja de Nossa Senhora da Penha.

O mastro é coberto com folhagens e flores: margaridas, cravos-de-defuntos, etc. No topo, uma bandeira branca tremula ao vento. Nela está escrito: "Paz e amor em honra à Nossa Senhora do Rosário". O mastro é carregado desde a casa do Rei, com acompanhamento dos membros da irmandade e dos cantantes/dancantes — conjunto de 12 pessoas que, com coroas na cabeça e sob o comando do canitão (o qual distingue-se do grupo por usar um avental branco, enfeitado com fitas, vem à frente do grupo), entoam versos em louvor à Nossa Senhora do Rosário. A cerimônia é rápida e, depois de colocado, o mastro fica ao tempo, até o final de dezembro, quando, então, será leiloado (a informação, prestada pelo sr. Avelino Ferreira, neste ano não confere: no dia 2 de fevereiro, dedicado à Nossa Senhora dos Navegantes, o mastro continuava no mesmo lugar: lembrado, o sr. Avelino compromissou-se de avisar os demais membros da Irmandade para o respectivo leilão). O contemplado ficará com o mastro e fará uso que quiser (também poderá doá-lo para o mesmo motivo, no ano seguinte). A renda do leilão é destinada à realização da festa seguinte.

No dia da colocação do mastro começam as novenas, sendo que o último dia de sua celebração ocorre na casa do Rei.

Alceu Araújo (14) comenta que "a cortada-do-mastro é a fase inicial observada nas Festas-do-Mastro, consiste na cerimônia de um grupo de fiéis ir à mata e lá cortar um mastro para a bandeira do santo padroeiro. Depois vem a puxada-do-mastro, cerimônia que antecede aos festejos da Fincada-do-Mastro. A condução do mastro é feita nos ombros dos devotos ou por carro-de-bois (...). Finalmente, a fincada-do-mastro na cidade".

Infelizmente perdemos a dita cerimônia na Penha — pois, inicialmente marcada para as 16 horas — para cujo horário estávamos convidadas a participar —, sofreu uma antecipação de duas horas em virtude do mau tempo que apregoava chuva. Que, afinal, acabou acontecendo .

No tempo transcorrido entre a novena e o dia da festa, acontecem os preparativos por parte do Rei. A ele cabe a organização do almoço, com a compra dos bois (este ano, dois bois renderam 1.600 churrascos), das bebidas (sempre na base de 15 engradados de cerveja e 15 de refrigerantes), dos pratos de papelão; da festa toda, enfim.

Mas não é só. Antes da festa (mais ou menos a partir de junho), os cantantes e o Rei vão de casa em casa saudando os empregados de vela. São recebidos no portão ou na porta da casa pelos donos que recebem a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e a levam para dentro da casa. A visita é feita para solicitar oferta para o Rei poder organizar a festa.

Canta o Capitão:

“Viemo lhe visitá
trouxemo Nossa Senhora
pro modo de lhe abençoá.
Eu vim pidi sua ajuda
pro nosso rei festejá”.

O dono da casa já tem um envelope com a oferta dentro e o entrega.

Capitão:

“Fico-lhe muito obrigado
fico-lhe muito agradecido
Nossa Senhora lhe ajude
ocê com vosso marido”.

(Aqui, “marido” é por força de rima, pois afinal quem dá o envelope não é a esposa e sim o marido, aquela fica segurando a bandeira).

“Às vezes eles põe café e tem que salvá com um canto”, diz seu Avelino.

Capitão:

“Deus do céu lhe põe a mesa
no céu quando precisá
os anjos lhe acompanhe
lá no céu quando chegá”.

“Ainda fazem as visitas particulares”? “Olha, d. Maria quase não dá mais. Uma hora de cantoria na igreja no dia que o padre de-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

termina dá prá convidá 200 pessoas. De casa em casa leva cerca de treis mês e como tá tudo caro, a mesa que a pessoa bota tá prá mais de mili, mais a festa sai muito caro para o empregado convidado e na igreja não precisa nada, o envelope vem mais cheio, dá mais conforto pro Rei” — completou seu Avelino.

O dia 25 de dezembro marca o começo da festa

A imagem de Nossa Senhora do Rosário, numa mesa coberta com tule e enfeitada com flores, ocupa um espaço especial da cerimônia, ao lado do altar.

Para a missa das 19 horas, começam a surgir os pretos. Poucos, é verdade. Porque estão rareando nestas bandas. Ou estará diminuindo a sua fé? Fora da Igreja, o pessoal espera pela comitiva da festa: o Rei, a Rainha, o 1º. juiz, a 1ª. juíza, o pagem, a pagem.

O cortejo deve chegar a qualquer momento, tendo à frente os “cantantes/dançantes” — pessoas que fazem o acompanhamento dos versos, repetindo as toadas e marcando compasso. O cortejo vem da casa do Rei. Familiares e vizinhos aderem ao cortejo. Fogos anunciam a chegada do grupo à igreja. “A tradição é africana, e o certo é ser tudo negro: cantante, dançante e as demais pessoas”, disse Marlene da Conceição, de Joinville. Seu avô, Artulino Manoel Lopes, por longos anos dedicou-se à festa.

Pouco mais de trinta pessoas (inclusive sete crianças) fazem parte do cortejo, contando-se aí também o Rei e a Rainha (cheguei a contar: de cor mesmo, só havia nove pessoas). Uma senhora de idade leva o estandarte. É a “fé da bandeira” de Nossa senhora do Rosário, depositada no simples ato de ser porta-estandarte. A escolha para este cargo recai sobre uma pessoa que expressa o desejo de levar a bandeira naquele ano. O Rei e a Rainha vão no centro da comitiva. Próximo à praça da igreja, um senhor idoso, apoiado numa bengala, adere ao cortejo. Está emocionado. Acompanha a comitiva que contorna a praça e vem pelo meio desta, até chegar à igreja. O “capitão” pede que todos se acalmem. Os “cantantes” ficam parados à porta, aguardando o Rei e a Rainha adentrarem até os pés do altar, onde o padre vigário os espera. No lado de fora da igreja os batuqueiros continuam dando compasso e, cantando, dizem que “tamos com Deus”.

“Com Deus me deito
Com Deus eu me alevanto
Com a graça de Deus
e do Divino Espírito Santo”.

Esse verso foi introduzido há mais ou menos 7 anos quando, a pedido do então padre vigário, seu Avelino passou a entoá-lo na entrada da igreja, na noite de 25 de dezembro.

A cantoria prossegue invocando Nossa Senhora Aparecida e o Espírito Santo. O pessoal vai entrando na igreja e os cantantes ficam à porta (nessa noite, eles não entram na igreja). Os cantantes usam um capacete feito de papel, que identifica os 12 personagens da dança. O capitão usa também, além do avental, que significa “respei-

to", um lenço amarrado em nó, nas 4 pontas, na cabeça. Os dois tamboristas não usam adereços. Quando a comitiva do Rei entra na igreja, os cantantes continuam sua cantoria. E quando converso com alguns componentes do grupo, que me identificam os versos cantados até então:

Capitão: "Senhor Rei, Rainha
já pode se aprepará
prá recebê a coroa
lá na frente do altá.

Coro: "Com a graça de Deus
e do Divino Espírito Santo".

A repetição dos versos acontece até que o Rei e a Rainha chegam em frente ao altar. E, quando se dá isso, enquanto os Reis sentam, novo verso:

Capitão: "Ei bendita e lovada seja"

Coro: "Minero dô"/.

Quando eles já estão sentados, a "derradeira cantiga", segundo me informou um do grupo, que é "dando órde (ordem) de o padre rezá a missa":

Capitão: "Nosso padre da paróquia
desculpe eu lhe mandá
abre o seu sagrado livro
para a missa celebrá
pro nosso Rei e Rainha
e os nosso nobre empregado
e o povo que se ache
dentro da casa de Deus
aonde Deus fez a morada
que aqui mora o cális (cálice) bento
e a hóstia consagrada".

O padre dá início à Missa.

"Os cantos são tirados de cabeça, conforme ocorrer a inspiração na hora", informou-nos o capitão João Amâncio da Silva, cuja função é a de comandar a "turma no canto e ir tirando a letra".

"Por que tem gente de diversas idades?", perguntei ao tamboreiro, João Evangelista. "Os novos, netos ou sobrinhos, parentes ou amigos, continuam a tradição se introduzindo nos festejos e participando como dançante/cantante" — disse ele.

Quis saber a origem dos membros do grupo. Gravatá, me informa um. "Porque aqui em Penha não tem mais dançante", disse Antônio José Floriani, 22 anos, dançante. "Antes era sempre os negros que faziam isto. Agora está tudo misturado: branco, negro", concluiu ele.

Chegou seu Avelino Ferreira, dando novas informações sobre a

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

festa. Comunica que é o dono da bandeira e pergunto-lhe porque. "Porque tenho 75 anos de idade e 70 anos de festa. É a mesma bandeira, porque a Nossa Senhora do Rosário é a mesma. É uma só." Seu Avelino está de luto pela morte da esposa e por isso não participa da festa como capitão — sua função por longos anos, no grupo. Mas não deixa de lembrar que "se fosse eu que tivesse cantando, ia dá três tantos". "Três tantos de quê?", perguntei. "Três tantos de prosa", disse ele. "Até a senhora ia gostá porque dá verso bonito. Como este aqui ó:

"Foi certo que eu cantei bem
há quatro anos passados
agora eu tô velho
e de cantá to deixando".

E continuou, dizendo que era muito bom no verso improvisado:

"Dantes eu cantava bem
hoje eu não valo um vintém
me recorda que eu fui discípulo
dos homes que cantavam bem.
Agora dona Maria do Carmo
leva a notícia prá lá
que eu de cantá to encostado
dentro do mesmo lugá".

"A senhora quer escutar mais?", pergunta seu Avelino. E, com minha resposta positiva, ele continua:

"Levantei de manhã cedo
pra varrer a Conceição
encontrei Nossa Senhora
com um ramo verde na mão
Eu pidi seu raminho
ela me disse que não
eu tornei a repeti
ela me deu um cordão
São Francisco e São João
me desata este cordão
que a Nossa Senhora me deu
da sua bendita mão".

A missa chega ao fim. Os dançantes entram na igreja e vão ao altar onde está a santa (aqui, contrariando a informação anteriormente dada de que os cantantes não entram na igreja na noite de 25 de dezembro). Pegam as coroas e entregam-nas ao Rei e à Rainha. "Hoje eles só levam as coroas na mão", informou seu Avelino. E quem leva mesmo são os pagens — feminino para a Rainha, masculino para o Rei. Os cantantes/dançantes saem de costas da igreja, abrindo espaço para o cortejo. Os pagens, com as coroas na mão, ladeiam os Reis. O Rei, emocionado, chora de alegria em saber-se dono de tão honrosa incumbência. É Noite de Natal e a igreja está repleta de fiéis que escutam a explicação do vigário sobre tão estranha cerimônia. Fogos de artifício colorem a noite, a praça.

Capitão: "Podemo ir saindo, senhor Rei?"

E o nome de cada empregado vai sendo chamado.

Já na saída da igreja:

Capitão: "Anjo do Céu"

Coro: "eu vou"

Capitão: "quem leva a bandeira?"

Coro: "eu vou..."

A procissão tem início na saída da igreja, atravessa a praça em cujo local ocorre uma parada do grupo, "prá trocá de toada", diz seu Avelino.

(Continua no próximo número)

ACONTECEU..

Fevereiro de 1984

— Dia 1º. — Segundo declarações do presidente da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, Décio Moser, endossadas pelo presidente do Clube de Diretores Lojistas, Sérgio Hess, o movimento turístico verificado em Blumenau neste princípio de ano é bem maior do que o do ano passado no mesmo período.

* *

— Dia 1º. — Neste dia o Diretório Central dos Estudantes da FURB divulgou um vigoroso protesto repudiando a decisão da Universidade expulsando um acadêmico da Faculdade de Engenharia Civil. O manifesto do DCE considerou a decisão da FURB "viciada, ilegítima e parcial".

* *

— Dia 2 — Na tarde deste dia foi realizada a primeira sessão ordinária de 1984 da Câmara de Vereadores de Blumenau.

* *

— Dia 4 — Depois de um período de férias no norte do País, reassumiu a chefia do governo municipal o Dr. Dalto dos Reis. A ausência do titular foi preenchida pelo Vice-Prefeito Paulo Oscar Baier.

* *

— Dia 8 — Na sede do Legislativo Municipal o Coronel Antônio Bascherotto Barreto, comandante do 23º. Batalhão de Infantaria de Blumenau recebeu o título de "Cidadão Blumenauense". A comenda foi oferecida por iniciativa do presidente da Câmara, Vereador Antônio Tillmann.

* *

— Dia 9 — Informações do Secretário de Obras do Município à imprensa local, revelam que os prejuízos causados pela enxurrada do dia 5 de fevereiro foram da ordem de Cr\$ 865.532.901,00.

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

— Dia 10 — Em solenidade realizada na manhã deste dia, assumiu o comando do 23^o Batalhão de Infantaria de Blumenau o coronel Hans Helmut Gerhardt Boehme em substituição ao Cel. Antônio B. Barreto. O Cel. Boehme é o primeiro blumenauense no comando do 23^o. BI.

* *

— Dia 11 — Cinquenta quilos e um metro foram as medidas alcançadas por um pepino colhido na lavoura da família Kolts, no Bairro Água Verde. Segundo os Kolts o caso não é anormal, pois outros pepinos do mesmo tamanho estão sendo colhidos em sua lavoura.

* *

— Dia 15 — Data de encerramento do I Festival de Verão de Blumenau, promoção da Secretaria de Turismo da Prefeitura. Mais de 1 bilhão de cruzeiros foi movimentado pelas 60 mil pessoas que visitaram o Festival.

* *

— Dia 16 — O Assessor Especial do Meio Ambiente de Blumenau, Lauro Eduardo Bacca, recebeu ofício da direção da Rigesa, Celulose, Papel e Embalagens Ltda. comunicando a ação da empresa visando detectar o foco de poluição provocado por efluentes da sua fábrica que acabaram por lançar no leito do Ribeirão Branco, despejos que deram à água coloração anormal. O titular da AEMA destacou o esforço da empresa em sanar a anormalidade, buscando através de inspeções na rede de esgoto industrial e na Estação de Tratamento de Efluentes e na limpeza com retroescavadeira de uma vala a céu aberto, resolver o problema.

* *

— Dia 19 — O relatório de atividades da Secretaria de Agricultura entregue ao prefeito Dalto dos Reis revelou que as equipes de Clínica e Defesa Sanitária Animal atenderam 543 propriedades rurais no mês de janeiro atendendo e vacinando 1.022 animais, imunizando-os contra a raiva e a cinomose. Já o Serviço de Inseminação Artificial fertilizou um total de 199 matrizes bovinas nas raças Holandesa, Jersey, Gir e Nelore. O relatório informou ainda que as nove feiras livres municipais comercializaram em janeiro 124 toneladas de frutas e verduras no valor de Cr\$ 37,2 milhões e 92 toneladas de produtos coloniais equivalentes a Cr\$ 23,2 milhões. A Granja São Simeão mantida pela Secretaria da Agricultura doou ovos, frutas e verduras à Casa São Simeão, Lar dos Meninos, Creches, Lar Betânia, Casa da Esperança e Paróquia de Santo Antônio. O Horto Florestal distribuiu no primeiro mês do ano 9 mil mudas de plantas ornamentais, exóticas e silvestres para arborização de passeios, praças e jardins de Blumenau.

* *

— Dia 20 — O prefeito Dalto dos Reis abriu pela manhã no grande auditório do Teatro Carlos Gomes a segunda etapa do Primeiro Ciclo de Estudos Educacionais da Rede Municipal de Ensino de Blumenau. O Ciclo, iniciado no dia 13 tratou nesta segunda fase da In-

tegração do Ensino e contou com a participação da professora Heloísa Lück, da Universidade Federal do Paraná que, na sessão inicial falou para 600 professores.

* *

— Dia 21 — Segundo informou o Prefeito Dalto dos Reis, durante o ano de 1983, apesar das adversidades naturais, a Companhia Urbanizadora de Blumenau conseguiu concluir a pavimentação de um total de 39.221 metros quadrados de área, abrangendo 27 vias públicas, sendo a Rua Itapiranga a mais extensa, com 4.422 metros quadrados de pavimentação. Ainda em janeiro de 84 foram concluídas as obras de pavimentação de mais cinco ruas, totalizando 13.074 metros quadrados de área calçada.

* *

— Dia 21 — Relatório de atividades encaminhado ao prefeito Dalto dos Reis pelo diretor de Obras da SOSU, informou que além da recuperação de pavimentos de mais 14 ruas, no centro e nos bairros, prejudicadas pelas últimas enxurradas, entre elas as Ruas Hermann Hering, Itajai e a 2 de Setembro, a Prefeitura Municipal de Blumenau, deu continuidade, no período de 13 a 18 de fevereiro, nos trabalhos de recuperação de pontes, pontilhões, pinguelas e galerias.

* *

— Dia 21 — Foi anunciado à imprensa blumenauense pelo prefeito Dalto dos Reis, mudanças em sua assessoria direta. O Secretário de Obras do Município, Valdir Falchetti, foi substituído pelo engenheiro Paulo França. O secretário executivo do "Projeto Nova Blumenau", Vilarino Wolff, assumiu a chefia de gabinete no lugar do advogado Mauro Dorigatti, que foi transferido para a direção do Serviço Autônomo Municipal de Terminais Rodoviários. Já o diretor do SETERB, Luiz Procópio Gomes, assumiu a presidência da Urbanizadora de Blumenau, no lugar de Guelfo Roveri que pediu exoneração do cargo.

**

— Dia 26 — Nova enxurrada se abateu sobre a cidade, a quinta num espaço de quatro meses. Os bairros mais atingidos, novamente, foram o Garcia e a Velha. Mais de quatrocentas residências e casas comerciais foram danificadas pelas águas.

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

banespa

Um dos colaboradores nas edições desta revista

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.*

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

BLUMENAU - SANTA CATARINA

